

## Otacília: um prolongamento da visão mítica de Maria

*Adair de Aguiar Neitzel*

Mestranda em Literatura - UFSC

Na constelação amorosa criada por Guimarães Rosa em *Grande Sertão: Veredas*, nos deparamos com o amor em vários aspectos. Neste ensaio, nos deteremos em analisar um dos relacionamentos de Riobaldo, enredado por muita soteriologia, que sugere mais do que um simples envolvimento físico ou emocional entre dois seres. Este implica um ato de devoção apaixonada: o encontro com Otacília.

Entre ambos se estabelece um vínculo íntimo, configura-se uma “erótica celeste”,<sup>1</sup> onde o exercício do amor se confunde com a oração e a salvação pela purificação. Otacília alimenta em Riobaldo a esperança de reordenação do Caos, condição para alcançar a beatitude humana. A espiritualidade luminosa de Otacília o eleva ao sagrado: “Os de todos lindos olhos dela estavam, me assinalando o céu com essas nuvens.”<sup>2</sup> Ela se mostra como uma abertura para um universo sobrenatural, transcendente. Por isso, as ações de ambos não são orientadas para comportamentos da atividade fisiológica, e excedem o ato sexual. Desponta um amor sublime entre Otacília e Riobaldo, mas bem divergente daquele existente entre Riobaldo e Nhorinhá — amor, também, nitidamente perfilado na memória do jagunço. Atraído pela proteção angélica

Otacília: um prolongamento da...

e pela expressão meiga de Otacília, Riobaldo vive uma outra forma de amor: “Que quando vislumbrei graça de carinha e riso e boca, e os compridos cabelos num enquadro de janela, por o mal aceso de uma lamparina. (...) Minha Otacília, fina de recanto, em seu realce de mocidade, mimo de alecrim, a firme presença.”<sup>3</sup>

Tal amor mitiga suas dores e dissemina esperanças refletindo uma crença positiva na vida, mas também aponta para suas limitações. Ele acentua o seu conflito nas relações com o mundo, estabelecendo-se uma tensão entre o universo jagunço e aquele em que vive sua amada: “Assim igual eu Otacília não queria querer.”<sup>4</sup> Sendo Otacília a face pura do amor, ele se sente, muitas vezes, indigno de recebê-la. Ela é o símbolo de estabilidade, característica que se contrapõe ao “homem provisório” que é o jagunço.

Os atributos de Otacília não se restringem a sua capacidade de sedução, sob ela se esgarça uma linguagem oculta e simbólica. Esse amor segue além dos contornos de um envolvimento platônico, ele perfila a idéia do “amor total.” Um amor não abalado pelo dualismo do sensível e do inteligível, que não separa o corpo e a alma, cujo centro gravitacional se localiza no próprio objeto do amor, indivisivelmente físico e espiritual. A construção de Otacília baseia-se, cripticamente, na repetição do mito intemporal da Grande Mãe Cósmica e consoladora, que abarca e envolve tudo, na busca pela hierogamia. É ela que trata de reinstalar Riobaldo “na paz de seu útero eterno.” Ela se inscreve também, na galeria de arquétipos como Sofia — símbolo da Sabedoria — que suscita a positividade, a alegria e o renascimento — características das mulheres rosianas.

Essa imagem de dama casta e frágil, mas que brota forte no sertão árido, desperta em Riobaldo uma atitude sempre admirativa e contemplativa. Ao descrevê-la são usados qualificativos que remetem ao puro, e as suas ações aparecem associadas às ações litúrgicas: “Só olhava para a frente da casa-da-fazenda, imaginando Otacília deitada, rezada, feito uma gatazinha branca, no cavo dos lençóis lavados e soltos, ela devia de sonhar assim.”<sup>5</sup> Ela é presença

de inocência, mas também de mistério. Riobaldo a compara com o rio — presença constante em sua vida — : “Otacília sendo forte como a paz, feito aqueles largos remansos do Urucúia, mas que é rio de braveza. Ele está sempre longe. Sozinho.”<sup>6</sup> Rio que é “figura de primeira grandeza nesta narrativa.(...) Dele Riobaldo se vale para dar corpo às suas idéias, associando-o ao seu próprio destino de jagunço, de amoroso e de místico.”<sup>7</sup>

Essa é uma analogia coerente, pois, na qualidade de rio que tudo purifica, ambos se tornam instrumentos de libertação. Sua atuação comparada a do rio: mansidão que pode esconder braveza, inspirando veneração e temor, pois indica a vida ou a morte. “O rio simboliza sempre a existência humana e o curso da vida, com a sucessão de desejos, sentimentos e intenções, e a variedade de seus desvios.”<sup>8</sup> Otacília mergulha na vida de Riobaldo: “Sofreado de minha soberba, e o amor afirmante, eu senti o que queria, conforme declarado: que, no fim, eu casava desposado com Otacília — sol dos rios”<sup>9</sup>. O rio toma o significado do corpo: entrar no rio é mergulhar no outro.<sup>10</sup>

A utilização dos elementos naturais, principalmente o rio, como indícios da formação da personagem invoca-lhe o caráter ambíguo dos mesmos.<sup>11</sup> Na verdade, Otacília é um porto seguro para Riobaldo, mas sua figura também anuncia uma outra face, bem diversa dessa primeira. Uma pulsão conflituosa se arrima: vida e morte. Um jogo de tensões se agrega e um aspecto duplo se esboça: Eros pode ser ameaçado por Tanatos. Por isso, a expressão do amor aparece entrecortada pela dor e morte. Num átimo, podemos relacioná-la também com a figura de Ariana, síntese da mulher total: mãe, irmã, esposa, noiva, a bem-amada (termo de origem cretense, significando *Ari* = muito, e *Hagne* = Santa). Mito de mulher única, grande, forte, mas que na sua totalidade apresenta também sua face temerosa. Face esta, apenas insinuada por Riobaldo, mas que não se avulta.

O encontro entre Riobaldo e Otacília desperta neste um sentimento manso, sem aspirações ou desejos carnis. Sua voz precisa impressioná-la, cativá-la. Ele sabe que o tratamento que

Otacília: um prolongamento da...

deve dirigir a Otacília é outro: “Me airei nela, como a diguice duma música, outra água eu provava.”<sup>12</sup> Ele confessa: “De moça de família eu pouco entendesse.”<sup>13</sup> É o belo uso da palavra que novamente irá favorecê-lo. Um diálogo afetuosos e filial, mas que não está isento de uma certa respiração amorosa. Rasgos de lirismo são perceptíveis ao falar da natureza. Riobaldo busca compartilhar com a amada uma visão paradisíaca: “Aí falei dos pássaros, que tratavam de seu voar antes do mormaço. Aquela visão dos pássaros, aquele assunto de Deus.”<sup>14</sup> Ele usa do poder encantatório e sedutor das palavras para sensibilizar sua amada, e refletir sua parte “não-jagunça.”

Eros na sua natureza dupla, aqui se deixa instalar como filho de Afrodite Urânia, a deusa dos amores etéreos. O amor, que Otacília destina a Riobaldo, não é aquele que apenas certifica a continuidade das espécies, mas o que tem a força de provocar a coesão interna do Cosmos, amor como centro gravitacional e unificador. O encontro de ambos reflete a união dos opostos, *coincidentia oppositorum*, pois formam pares antagônicos, cujo enlace torna-se possível graças à natureza telúrica de Riobaldo — vinculado à terna imagem da mãe Bigri e pela presença constante de Diadorim, quem lhe descortinou um universo mais próximo do feminino. Há uma série de trocas espirituais nesse contato, e, apesar de seus universos contrários, o amor vence esses antagonismos, integrando-os. Transcende portanto o grau da animalidade para caminhar no sentido do mais essencial impulso da vida.

Riobaldo experimenta um amor diferente, um relacionamento que tranqüiliza. Plantado o germe da adoração e alçado por um júbilo célico, “pede seu destino a Otacília.”<sup>15</sup> Ele procura aprofundar essa vivência primeira, aspirando a uma totalidade. Ao lado dela, busca lastros de uma realidade que o ligue também a uma linhagem nobre de família, distante e por vezes esquecida. Ao abrigo dessa idéia, demonstra preocupação com a sua progênie, pois se vê num espaço regrado por determinações sócio-econômico-culturais bem divergentes. Alça-se, então, na recuperação de elementos esparsos de um passado adormecido,

rememorando sua descendência com orgulho: “E eu não medi meus alforjes: fui contando que era filho de seô Selorico Mendes, dono de três possosas fazendas.”<sup>16</sup>

Essa união cordial deflagra uma nova possibilidade de vida, um momento singular: a perspectiva de seu distanciamento do jaguncismo. Uma aliança com Otacília pode lhe devolver o contato com o mundo civilizado, e introduzi-lo num mundo que reflete os costumes urbanos. A fazenda Santa Catarina é um espaço que ele observa e cujos requintes admira. Gostou, por exemplo, de lá encontrar um jardim caprichado e de tomar café à mesa, em “xicrinhas.” Otacília lhe propiciará também um deslizamento para um território de “potentes chefias”, mas distante do guerrear. Riobaldo conhece as dimensões do poder e do prestígio que a família de Otacília possui. Numa sociedade como a sertaneja, muito próxima da medieval, a posse de terras constitui símbolo de riqueza e de *status*: “Não que eu acendesse em mim ambição de teres e haveres; queria era só mesma Otacília (...) e, no meio do solene, o sôr Amadeu, pai dela, que apartasse — destinado para nós dois — buritizal em dote, conforme o uso dos antigos.”<sup>17</sup> Cena que nos remete à idade média, quando o casamento estava estreitamente ligado aos valores de linhagem, à transmissão de títulos e de herança.

Entre Riobaldo e Otacília não paira nenhum artifício de satisfação sexual, porque, erigidos a um grau superior — distante do carnal — a doação pode ser total e ilimitada. O amor, puro e ingênuo que os une, surge de forma muito diferente das outras manifestações que ocorreram na sua mocidade ou na sua vida jagunça. Essa aliança complacente avizinha-se de uma proteção paterna e cavalheiresca, nos limites entre Eros e Ágape. Entre ambos, segue-se um amor leal. Otacília oferece uma fidelidade e doação constantes, e recebe de Riobaldo forte mimo e proteção: “E ela, por alegria minha, disse que havia de gostar era só de mim, e que o tempo que carecesse me esperava, até que, para o trato de nosso casamento, eu pudesse vir com jus.”<sup>18</sup>

Em Otacília, se reconhece um tom religioso, uma visão

## Otacília: um prolongamento da...

sobrenatural que identificamos com a figura de Maria — mãe de Jesus: “Otacília, era como se para mim ela estivesse no camarim do santíssimo.”<sup>19</sup> Nela podemos conceber a representação do culto marial cultivado pelos cristãos a partir, aproximadamente, do século IX, instigado pelas cruzadas. Uma veia aberta também pelos cátaros, e que se proliferou no Ocidente Europeu Cristão, no final do século XI. Essa imagem de mulher pura, que a Virgem Maria representa, foi paradigma desde o século IX, e se cristalizou na cultura ocidental. Os cátaros e os trovadores contribuíram, de fato, para a elaboração de toda uma “mitologia da mulher e do amor.”<sup>20</sup> “A ‘firme presença’ de Otacília na memória de Riobaldo, é equivalente da inspiração e da fortaleza que os cavaleiros andantes encontravam cultuando as suas senhoras e damas às quais dedicavam a valia de seus feitos.”<sup>21</sup>

Maria é ingrediente vital de uma história que mantém, até os tempos modernos, seu poder de santidade. Salvaguardando alguns princípios morais, ela se tornou bússola do homem, que procura nos paradigmas de comportamentos a conversão. Em sua maneira de ser e de ver, Otacília reflete uma postura marial: ela estima e conserva os bens do espírito, expressa uma série de atitudes marianas típicas: a escuta da palavra, a oração, a oferta, o conforto espiritual, além de condensar a espiritualidade da espera, de que Maria é o modelo para a Igreja. Otacília é uma mulher devota, que determinou-se a fazer de sua vida, oferta a favor da conversão de Riobaldo, e é, principalmente, através da oração que sua presença e força se manifesta. Inclusive, Diadorim pede-lhe que ore pela salvação e destino de Riobaldo: “Pedi a ela que rezasse por você, Riobaldo. Assim pela esperança de saudade que ela tivesse, que não esbarrasse de rezar, o todo tempo, por costume antigo.”<sup>22</sup> Também as várias recordações que o jagunço mantém de sua amada surgem geralmente, relacionadas a oração: “Otacília no quarto, rezando ajoelhada diante da imagem, e já aprontada para a noite, em camisola fina de ló.”<sup>23</sup> O amor estabelece assim sua relação com a oração, uma vez que ambos apresentam seu caráter de oferta e de acolhimento.

Numa remissão ao Paraíso sobre a Terra — missão escatológica do mito marial<sup>24</sup> — encontramos Otacília vivendo de acordo com o ideal cristão definido no final do século IV, quando a virgindade — de significado escatológico — era a garantia da ascese, o retorno à origem. A continência foi uma imposição religiosa cristã, que gravitava numa problemática da superação da alma sobre o corpo e suas concupiscências.<sup>25</sup> A castidade constituiu, durante longos séculos, tema do cristianismo, apanágio para a existência de um modelo exemplar. Maria é, portanto, a fonte primacial, matriz e nutriz de onde jorrou a recuperação de um tempo sagrado, baseada na memória das existências anteriores e de rememoração de uma história primordial, relacionada ao mito cosmogônico, um retorno à origem, à raiz,<sup>26</sup> tão perseguido por Riobaldo. Otacília viabiliza essa sua passagem e reintegração à fonte, ao centro.

E se Maria representa o triunfo de uma Santa História, Otacília revela o valor religioso dos atos humanos. Além de fazer parte de um grupo eleito para viver uma eterna beatitude, ela anuncia um universo real com sua potência sagrada que quer dizer, ao mesmo tempo, realidade, perenidade, eficácia.<sup>27</sup> Riobaldo, ao unir-se a Otacília, estabelece um elo com a realidade e conseqüentemente com o poder (para os primitivos, lembra ELIADE, o sagrado equivale a poder).

Maria é divinizada por sua “maternidade espiritual.” Para que ela acontecesse, segundo a doutrina cristã, foi necessário estabelecer-se uma relação de um ser divino, superior, com um ser humano, inferior. Encontramos também essa hierogamia em *Grande Sertão: Veredas*. O próprio Riobaldo se considera inferior e indigno de Otacília, não só por sua condição de jagunço — tão adversa da situação de posses da família da noiva — mas pela vida desnorteada, desregrada que tem. Funda-se assim uma dialética, uma relação entre o divino e o profano. O alto e o baixo, o sujo e o puro, o rico e o pobre se confundem. Riobaldo pertence ao mundo concreto da carnalidade, e Otacília ao universo puro da virgem Maria. Essa “maternidade espiritual” em Otacília equivaleria

### Otacília: um prolongamento da...

a uma recriação mágica do mundo, um prodigioso jorrar de energia, de otimismo, de vida. Otacília gera um mundo de luz, é *mater que espargi vita*. Sua imagem está preñe de um simbolismo cósmico-vital, dela emana uma Beleza, que o toca profundamente. Ela é portadora de um Conhecimento, de uma luz espiritual que aponta para um projeto salvífico, como Maria.

O espaço onde o encontro acontece, apresenta uma veia sagrada: dá-se numa fazenda denominada Santa Catarina, situada nas Serras dos Gerais — Buritis Altos, cabeceira de vereda. Ora, não são também os montes os lugares escolhidos, para as grandes revelações bíblicas? Além do mais, estes são lugares privilegiados, longe de catástrofes terrestres como inundações, distante também dos que rastejam no mundo inferior. E aquele que neles constrói seu reino, mais perto das alturas se mantém. Uma metáfora para indicar Otacília como ponte entre o mundo terrestre e o celestial. Além do mais, o encontro entre Riobaldo e Otacília dá-se no mês de maio. Este é o mês, por tradição popular, considerado mariano. No calendário religioso católico, celebra-se, nesse mês, um dos eventos da vida de Maria que é festejado com o grau de festa: a Visitação da bem-aventurada Virgem Maria.<sup>28</sup>

A fazenda situa-se, pois, num espaço sagrado fundamental para que a jornada a qual Riobaldo se propõe tivesse êxito. Ela é um “centro”, um “ponto fixo absoluto”, que possibilita a “fundação do mundo”, “o viver real.” Lá, Riobaldo tem a revelação de uma outra realidade, semelhante àquela de que participava antes de ingressar na vida jagunça. A porta aberta da casa de Otacília significa uma solução de passagem. No seu interior, o mundo profano é transcendido.<sup>29</sup> A fazenda é assim a “porta” para o alto pela qual Riobaldo pode subir simbolicamente ao Céu, assegurando a comunicação com o mundo divino. E é a situação espacial da fazenda, acrescido do comportamento e das virtudes de Otacília, que torna esse espaço qualitativamente diferente. Um espaço no alto, “comunicante com o Céu”, com atributos de um santuário: “a teofania consagra um lugar pelo próprio fato de torná-lo “aberto” para o alto, ou seja, comunicante com o Céu, ponto paradoxal de

passagem de um modo de ser a outro.”<sup>30</sup>

Podemos também fazer uma analogia da Fazenda Santa Catarina com a “Montanha Cósmica.” Ela é a figura mais representativa entre aquelas imagens que revelam uma ligação entre o Céu e a Terra. Culturas como a do Meru na Índia, de Haraberezaiti no Irã, da montanha mítica “Monte dos Países” na Mesopotâmia, de Gerizim na Palestina preservam essa mística, e cultuam a idéia de que elas se encontram no Centro do Mundo.<sup>31</sup> Outra similaridade no que concerne a cosmização desse território sagrado é com o “Pilar Cósmico” — símbolo de sacralidade para as tradições dos Achilpa, uma tribo Arunta. Esse poste permitiu que os Achilpa se deslocassem em suas peregrinações constantes, sem perderem o eixo de seu mundo.<sup>32</sup> Da mesma forma, a fazenda Santa Catarina representa um eixo cósmico que permite a Riobaldo — enquanto ele faz sua travessia ao sertão — estar sempre naquele universo guerreiro, e ao mesmo tempo em ligação com o Céu. Eis sua função cosmológica: “Porta do mundo do alto,”<sup>33</sup> bússola para nosso jagunço, abertura para o transcendente.

Além do mais, há um simbolismo explícito no nome: Catarina derivado do grego *katharós*, que significa *pura*. Antropônimo que vai ao encontro das características daquele lugar que é uma réplica de um Cosmos perfeito: “ela eu conheci em conjuntos suaves, tudo dado e clareado, suspendendo, se diz: quando os anjos e o vôo em volta, quase, quase.”<sup>34</sup> A fazenda estabelece, assim, a comunicação entre as três zonas cósmicas: a Terra, o Céu e o Mundo Inferior.

Entretanto, para compartilhar desse território mundificado, depurado, em que vive Otacília, Riobaldo precisa primeiro reordenar o mundo jagunço e o seu âmago conflituoso. Nessa travessia, na expectativa de encontrar-se, Riobaldo depara-se com vários amores que contribuem para o seu crescimento espiritual. Ele se entrega, portanto, primeiro à dispersão e à fragmentação. Mas nesse encontro com mulheres várias, o que ele persegue é a unidade perdida. Sua entrega profusa aos prazeres da carne é um sintoma dessa ansiedade pela unidade. A aparição de Otacília tem,

### Otacília: um prolongamento da...

como já citamos, um valor salvífico. Ela representa para Riobaldo a oportunidade de deslizamento da diluição e de reunião dos fragmentos:

Otacília, traduz um escalonamento semelhante ao da dialética ascensional, transmitida por Diotima a Sócrates em o *Banquete*, de Platão: Eros, geração na beleza, desejo de imortalidade, eleva-se, gradualmente, do sensível ao inteligível, do corpo à alma, da carne ao espírito, num perene esforço de sublimação, que parte do mais baixo para atingir o mais alto, e que, em sua escalada, não elimina os estágios inferiores de que se serviu, porque só por intermédio deles pode atingir o alvo superior para onde se dirige.<sup>35</sup>

Riobaldo manifesta o desejo de viver num universo total e organizado, num Cosmos e não num Caos. E a presença de Otacília desencadeia uma irrupção do sagrado que projeta um ponto fixo no espaço profano em que ele vive. É ela também quem possibilita a sua transição, de ordem ontológica, daquele seu modo de ver e ser no mundo do jaguncismo a outro bem diverso. Essa sacralidade, muitas vezes distante do mundo jagunço, ronda a memória de Riobaldo, alimentando-a com “coisas amanhecidas:” “Meu coração rebateu, estava dizendo que o velho era sempre novo.”<sup>36</sup>

Confuso, indefeso e desvalido com a revelação da verdadeira sexualidade de Diadorim, ele se retrai. Mas, o amor e a presença de Otacília propiciam o seu retorno à vida, pois “o amor é a busca de um centro unificador que permite a realização da síntese dinâmica de suas vidas.”<sup>37</sup> Sua volta à fazenda equivale ao desejo de viver num mundo real e não numa ilusão, pois viver no sagrado corresponde a não se deixar paralisar pelas experiências puramente subjetivas. Seu retorno exprime uma sede ontológica juntamente com um compasso e alívio ao coração.

Há, portanto, a cooperação de Otacília na recuperação de

Riobaldo. Ela lhe oferece uma visão serena e seu “*fiat*” lhe transmitiu esperança de vitória sobre o pactário, da comunhão com o divino. Ela é a porta aberta para a superação das perspectivas eternas sobre as temporais, da vida sobre a morte; presença eficaz no itinerário demarcado por Riobaldo. Chama emancipadora, seu poder é meritório: “O que uma mocinha assim governa, sem precisão de armas e galopes, guardada macia e fina em sua casa-grande, sorrindo santinha no alto da alpendrada.”<sup>38</sup>

Durante a travessia, Otacília exerce um “efeito purificador sobre a alma do jagunço.”<sup>39</sup> Seu conspecto é inspiração de uma outra vida, seu amor — mais próximo da razão — o encaminha ao princípio pelo qual foi gerado. Amor restaurador que constitui a apoteose final do romance. Riobaldo, ao retomar a aliança que estabeleceu com Otacília, “encontra na matriz feminina a promessa de sobrevida e de renovação.”<sup>40</sup> Esse amor — força ascendente — o move a um percurso venturoso; num processo de amadurecimento, reencontra os vestígios da luz divina original — luz eterna — verdadeira origem do homem. Este retorno à origem é o elemento essencial que ele persegue, e acontece quando este se libera de todo subjetivismo que o cerca, passando do conhecimento inicial para uma experiência mais profunda, o que o leva a concluir que “Existe é homem humano. Travessia.”<sup>41</sup>

## NOTAS

<sup>1</sup> Durante o século XII funda-se uma erótica celeste e concórdia matrimonial “que supunham uma hierarquia entre o objeto do amor e os sujeitos, entre Deus e os homens. Uma erótica onde o exercício do amor se confundia com a oração e a salvação da alma. Uma erótica dessexualizada, que implicava a recusa da carne.” Cf.: VAINFAS, Ronaldo. *Casamento, amor e desejo no ocidente cristão*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1992. p. 43.

<sup>2</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p. 181. [sem grifo no original].

<sup>3</sup> Id. *Ibid.*, p. 176-177.

<sup>4</sup> Id. *ibid.*, p. 181.

<sup>5</sup> Id. *ibid.*, p. 13. [sem grifo no original]

<sup>6</sup> Id. *ibid.*, p. 291.

Otacília: um prolongamento da...

<sup>7</sup> CAVALCANTI PROENÇA, M. *Augusto dos Anjos e outros ensaios*. 2. ed. Rio de Janeiro: Grifo; Brasília: INL, 1973. p. 182.

<sup>8</sup> CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995. p. 780-781.

<sup>9</sup> ROSA, op. cit., p. 509. [sem grifo no original]

<sup>10</sup> “A partir da significação comum das formas *rio* e *baldo*, teríamos uma interpretação que (...) colocaria em paralelo o ser do personagem e um rio. (...) É certo, por outro lado, que [Guimarães Rosa] logrou dar à forma uma verossímil feição de nome real, encontrável, à moda dos nomes germânicos compostos com a terminação *-baldo*, tão comuns na tradição antroponímica da França (...). *Baldo* significa *hardi*, *audaz*, *ousado*.” Cf.: FONSECA SANTOS, Júlia Conceição. *Nomes dos personagens em Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: INL, 1971. p. 152-153.

<sup>11</sup> Mas não é somente o rio que invoca a presença de Otacília ou vice-versa. Outros elementos naturais como o vento, o mar e os buritis — elementos que compõem um plano telúrico e místico na obra — passam e se entrecruzam. O vento é um dos elementos que anunciam a Riobaldo seu encontro com Otacília, sendo, portanto, mensageiro de uma hierofania: “Montamos direito, no Olho-d’água-das-Outras, andamos, e demos com a primeira vereda — dividindo as chapadas. (...) Vento que vem de toda a parte. Dando no meu corpo, aquele ar me falou em gritos de liberdade.” ROSA, op. cit., p. 286.

<sup>12</sup> ROSA, op. cit., p. 48. [sem grifo no original]

<sup>13</sup> Id. *ibid.*, p. 181.

<sup>14</sup> Id. *ibid.*, p. 177.

<sup>15</sup> Id. *ibid.*, p. 84.

<sup>16</sup> Id. *ibid.*, p. 181.

<sup>17</sup> Id. *ibid.*, p. 184.

<sup>18</sup> Id. *ibid.*, p. 184.

<sup>19</sup> Id. *ibid.*, p. 290.

<sup>20</sup> “Os trovadores elaboram [na idade média] toda uma mitologia da Mulher e do Amor, utilizando-se de elementos cristãos, mas ultrapassando ou contradizendo as doutrinas da Igreja.” Cf.: ELIADE, *Mito e realidade*, p. 151.

<sup>21</sup> NUNES, Benedito. *O dorso do tigre*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 146.

<sup>22</sup> ROSA, op. cit., p. 450.

<sup>23</sup> Id. *ibid.*, p. 353

- <sup>24</sup> Cf.: *Catecismo da igreja católica*. São Paulo: Editora Vozes, 1993. p. 234.
- <sup>25</sup> “No Apocalipse se apresenta Maria como símbolo do parto doloroso que cada Cristão realiza para passar do conhecimento inicial para a experiência mais profunda de Cristo.” Cf.: FIORES, Stefano de; GOFFI, Tullio. *Dicionário de espiritualidade*. São Paulo: Edições Paulinas, 1989. p. 695.
- <sup>26</sup> ELIADE trata dessa questão da restauração de uma situação original, do retorno progressivo à origem no capítulo “Recuperar o passado”, In *Mito e realidade*, p. 82-84.
- <sup>27</sup> “Os eleitos, os bons, serão salvos por sua fidelidade a uma Santa História: enfrentando os poderes e as tentações deste mundo, eles permaneceram fiéis ao Reino celeste.” ELIADE, *Mito e realidade*, p. 62.
- <sup>28</sup> Cf.: CASTELLANO, J. *Dicionário de liturgia*. São Paulo : Ed. Paulinas, 1992. p. 1229. Esta festa encontra a sua justificativa também, no evangelho de Lucas 1:39-56.
- <sup>29</sup> “Há, portanto, um espaço sagrado, e por conseqüência “forte”, significativo, e há outros espaços não-sagrados, e por conseqüência sem estrutura sem consistência, em suma, amorfos.” Cf.: ELIADE, *O sagrado e o profano* ., p. 25.
- <sup>30</sup> Id. *ibid.*, p. 30.
- <sup>31</sup> ELIADE, *O sagrado e o profano.*, p. 39.
- <sup>32</sup> Id. *ibid.*, p. 35.
- <sup>33</sup> Id. *ibid.*, p. 37.
- <sup>34</sup> ROSA, *op. cit.*, p. 131.
- <sup>35</sup> NUNES, *op. cit.*, p. 145 .
- <sup>36</sup> ROSA, *op. cit.*, p. 563.
- <sup>37</sup> CHEVALIER, *op. cit.*, p. 46, 47. Verbete Amor.
- <sup>38</sup> ROSA, *op. cit.*, p. 181.
- <sup>39</sup> NUNES, *op. cit.*, p. 144.
- <sup>40</sup> ROSENFELD, *op. cit.*, p.130.
- <sup>41</sup> ROSA, *op. cit.*, p. 568.

## **BIBLIOGRAFIA**

- Catecismo da igreja católica*. São Paulo: Editora Vozes, 1993.
- CAVALCANTI PROENÇA, M. *Augusto dos Anjos e outros ensaios*. 2 ed. Rio de Janeiro: Grifo; Brasília: INL, 1973.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de*

Otacília: um prolongamento da...

- símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números.* 9 ed. Rio de Janeiro: José Olympio Ed., 1995.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Mito e realidade*. Trad. Pola Civelli. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- FIORES, Stefano de; GOFFI, Tullo. *Dicionário de espiritualidade*. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.
- FONSECA SANTOS, Júlia Conceição. *Nomes dos personagens em Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: INL, 1971.
- NUNES, Benedito. *O dorso do tigre*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 20 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- ROSENFELD, Kathrin H. *Os descaminhos do demo: tradição e ruptura em grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Imago, São Paulo: EDUSP, 1993.
- VAINFAS, Ronaldo. *Casamento, amor e desejo no ocidente cristão*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1992.